

Apresentação pôster: GT 14: Antropologia das Emoções.

Autora <sup>1</sup>: Janilce Souza Rosa: UFF – Universidade Federal Fluminense, Curso Ciências Sociais

**A relação de trabalho das empregadas domésticas com suas patroas em Miracema RJ.**

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Prof<sup>a</sup>. Glaucia Maria Pontes Mouzinho  
(UFF)

Autora <sup>1</sup>: Janilce Souza Rosa  
Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF)/ RJ.

Palavras-chaves: Empregadas domésticas, relação de trabalho e Afetividade.

## Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar e compreender a partir de uma perspectiva etnográfica, as principais questões que contribuem para a construção das *empregadas domésticas* como categoria profissional a partir de uma rede composta por mulheres da cidade de Miracema localizada na Região noroeste do Estado do Rio de Janeiro. O interesse por essa pesquisa se deu a partir de algumas observações das próprias declarações realizadas pelas domésticas frente a sua profissão. Deste modo, esse trabalho busca entender como estas se veem enquanto empregadas domésticas e a relação que existe entre patroas e empregadas. Portanto, através dos dados coletados durante a elaboração desse trabalho e analisando as empregadas domésticas enquanto categoria, busco perceber por meio de um viés antropológico a relação de trabalho e afetividade entre esses sujeitos.

Palavras –chaves: Empregada Doméstica; Afetividade; Relação de trabalho; Rede.

## Introdução

Este presente artigo respalda-se na perspectiva etnográfica, de Roberto Cardoso de Oliveira (2000) a respeito das etapas do trabalho de campo traduzida por ele como um processo que consiste a partir das etapas do trabalho de campo traduzidas por ele como um processo que consiste em “olhar”, “escutar” e “escrever”. A primeira estaria voltada pela observação atenta das relações e práticas do contexto estudado; já a segunda, corresponde à interação com os interlocutores da pesquisa com o intuito de gerar uma relação intersubjetiva; e, em relação à terceira, o autor sublinha que “será no escrever que o nosso pensamento exercitar-se-á de forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas à construção da teoria social” (Cardoso de Oliveira, 2000,18).

Com o fundamento em pesquisadores como (Pacecca e Curtis 2010), (Fraga 2010), (Brites 2013, (Dantas 2013), (Silva 2018). Logo busco entender as principais questões que contribuem para a construção das *empregadas domésticas* como categoria profissional na cidade de Miracema RJ e como estas relações entre empregadas domésticas e as patroas são estabelecidas cotidianamente em seu espaço social no interior da casa da empregadora.

Minha inquietação se deu *a priori* numa tentativa de compreensão como essas mulheres “viram” empregadas domésticas. O que me interessa compreender: como elas se tornam uma doméstica? O que vai determinar suas escolhas? como se veem diante

deste trabalho e suas relações com os patrões? O que elas consideram relevante para atuarem neste mercado de trabalho e que consideram importante para fazerem parte da rede de domésticas existentes na cidade de Miracema (RJ)?

A escolha deste tema de investigação foi a partir de uma aula de antropologia IV, disciplina ministrada pela minha atual orientadora, quando em um seminário foi abordado determinado texto dando origem a uma discussão sobre a questão da mulher, condição feminina, violência doméstica, dentre outras. A partir deste debate no qual me fez recordar momentos da minha própria trajetória pessoal, quando por um curto espaço de tempo anterior à minha entrada na universidade, fiquei “de experiência” por indicação de minha conterrânea Elis que me levou para a casa que estava trabalhando já há anos. Ela gostaria de fazer um curso de radiologia à noite, e precisava de outra babá para cobrir este espaço de tempo em que ela estaria estudando.

Deste modo surgiu o interesse por pesquisar o trabalho doméstico com ênfase nas empregadas domésticas, tentando interpretar seus dilemas que são impregnados de situações simbólicas, dentre elas a sua invisibilidade a despeito do lugar central que ocupam no universo diário das famílias brasileiras.

Diante das leituras de artigos e etnografias forneceram “pistas” importantes para o trabalho, tais como: a formação de redes de domésticas em outros municípios e países; a forte presença do recorte de gênero; a atenção para as consequências do nível de escolaridade para o trabalho e para a exclusão; a importância da mudança no “campo” que compreende formalmente as empregadas domésticos com a divisão em diaristas, passadeiras, faxineiras, congele-eiras, para citar algumas. Ao lê-los compreendi a relevância do tema para as ciências sociais e, em especial para a antropologia.

Na maior parte das minhas conversas me dispus a ir ao encontro das minhas interlocutoras na casa delas, somente uma entrevistada que foi a minha residência. A oportunidade de fazer as entrevistas no espaço da casa, por algumas razões que serão retomadas ao longo do texto, se revelaram cruciais para reforçar laços e/ou estabelecer uma relação de confiança, em um ambiente propício para a abordagem de algumas questões relacionadas às “competências” adquiridas para o exercício da profissão: a valorização que atribuem à arrumação da casa, o domínio da “cozinha” revelado na oferta de um café acompanhado por um bolo, etc. Uma coisa que me chamou a atenção foi a consciência da lógica social hierárquica imposta a elas, seja nas observações que fazem a respeito das limitações sociais que não lhes deram escolhas, como também na própria hierarquia estabelecida no espaço da casa dos patrões, como, por exemplo, aquelas atribuídas ao uso

dos cômodos ou da utilização do tempo. Confirmam, reforçando o sentimento de injustiça e humilhação, a obrigação de reservar para si o espaço da cozinha e do quarto dos fundos ou “quartinho de empregada”, só tendo acesso aos demais cômodos na execução do serviço obrigatório de limpeza, de servir a comida, dentre outras tarefas, corroborando descrições que nos remetem àquelas de Gilberto Freire a respeito dos espaços de circulação da Casa Grande (Freyre, 1933).

Algo nesse sentido, conhecer o “seu lugar” (Da Matta, 1985), parte do que contradiatoriamente é dado como exemplo de parte das competências adquiridas ao conhecer as regras exigidas pelas *patroas* para serem reconhecidas como “boas empregadas”. O mesmo pode-se dizer em relação ao uso do tempo, seja de lazer, seja de descanso, sempre controlado por seus empregadores, a despeito do trabalho já realizado. Apesar disso, todas têm, por outro lado, orgulho de como trabalham e, sobretudo, a consciência da importância de seu trabalho na vida das *patroas* visto que a despeito de sua situação econômica, é comum que permaneça atribuído ao seu papel de mulher, a obrigação de administrar a casa e os filhos.

Por isso Faço aqui um esforço para compreender ainda o que separa as empregadas de seus patrões, quando estes falam a elas que são “quase da família”, ou seja, os diferentes significados que esse termo tão utilizado pelo empregador pode apresentar, ora lembrando momentos em que ambos partilham conflitos familiares, expectativas em relação aos filhos (com ênfase na família dos patrões) ora talvez muito mais como uma forma de dizer que “fulana” pertence a “nossa” rotina diária, “está acostumada com nossos hábitos com nossos costumes”, como se isso por si só permitisse partilhar sentimentos em comum.

É importante ressaltar ainda para além do recorte de gênero, as mudanças geracionais na configuração do mercado das domésticas, levando a formação de “especialidades” no campo, descritas nas categorias já mencionadas como diaristas e passadeiras, cuidadoras, dentre outras. As mudanças estão relacionadas, segundo outros pesquisadores (Fraga, 2010; Silva, 2018), a uma série de fatores simbólicos para além dos salários recebidos: independência nos horários, redução das relações de exploração e da imagem negativa atribuída a função, dentre outras.

Finalmente, um ponto central que nos permite esclarecer essas relações de trabalho é o *sentimento de injustiça* (Dantas, 2013) com o rompimento do que minhas interlocutoras denominaram de “conforme o combinado”. A expressão apresentada ao longo das

entrevistas, diz respeito ao contrato de trabalho não formal, “contrato de boca”, estabelecido no momento de contratação, a despeito dos vínculos trabalhistas formais que possam existir, e que não podem ser quebrados sem prejuízo para a imagem de quem provocou o rompimento, resultando em acusações mútuas, pedidos de demissão e impactos na *reputação* das empregadas e patroas.

## **Objetivos**

Este trabalho consiste em um esforço por identificar e compreender a partir de uma perspectiva etnográfica, as principais questões que contribuem para a construção das *empregadas domésticas* como categoria profissional a partir de uma rede composta por mulheres da cidade de Miracema localizada na Região noroeste do Estado do Rio de Janeiro.

O artigo buscar demonstrar a interpretação da realidade local desta cidade do interior do estado do Rio de Janeiro onde esta profissão é um processo de construção de identidade social pautado por determinada classe social que encontra neste tipo de trabalho uma saída para obterem suas rendas por mais que seja rendimento precarizado com baixa remuneração onde a mão de obra é barata e uma compreensão da realidade de determinados grupos sociais locais, que no qual aqui denomino as Domésticas, pois aponto para o fato de que as empregadas doméstica de Miracema, por meio de uma rede interpessoal de contato entre elas.

## **“Conforme o Combinado”**

É importante lembrar que grande parte das mulheres que desempenham a função de “domésticas” na capital são oriundas de localidades pequenas do Estado, e que “a cidade faz um contraste profundo com a vida da cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica” (Simmel, 1967 [1902] p. 14).

Como mencionei anteriormente, é bastante frequente na minha cidade que uns falem com outros para “arrumar trabalho” nesta área, visto que é comum que os “patrões” (a maioria “patroas”), pessoas de classes abastadas, busquem nas cidades do interior suas empregadas (também majoritariamente mulheres), porque a pessoa que vem do interior teria aquilo de ser mais “inocente”. Mas além desta característica outras são consideradas

fundamentais: elas precisam ser “honestas”, de “confiança”, “trabalhadoras” e “caprichosas”. São adjetivos que os patrões buscam nos subordinados e que no caso das empregadas são qualidades preferenciais.

Marusa Silva (2018) é quem ressalta: “Dos critérios estabelecidos pelas patroas dessa amostra para a contratação de uma empregada doméstica, chamou a atenção a constante afirmação de que elas precisam ser limpinhas e honestas. Antes mesmo de exigirem que as futuras empregadas dominem ou tenham noção do trabalho que vão realizar, como, por exemplo, saber cozinhar, passar roupa, fazer uma boa faxina etc., o que pareceu ser mais importante foi a limpeza que está relacionada, no primeiro momento, a aparência dessa mulher e a sua honestidade, ou seja, o fato de a patroa poder confiar a sua empregada sua casa, seus bens e seus filhos. A fala de Elisa, explicitando os fatores que contam na hora da contratação de uma empregada doméstica, serve de exemplo:

“É higiene. Noção básica de higiene...higiene, responsabilidade, confiança e honestidade, até porque lidam com roupas, joias, com informação que a gente tem, às vezes de trabalho, sigilosas, dentro da sua casa. Acho que isso seria o básico (p.109-110)”.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada foi múltipla. Fiz 18 entrevistas não diretivas, sem perguntas previamente colocadas, mas com base em algumas inquietações e leituras de etnografias e outros textos de pesquisa que abordavam a categoria *empregadas domésticas*.

Minhas entrevistadas foram selecionadas pelo mesmo critério que utilizaram para a construção de suas próprias relações no mercado de trabalho. A partir de uns contatos familiares ou de vizinhança, uma me indicava a outra. A minha própria trajetória familiar foi, então, fundamental para o estabelecimento de relações e desenvolvimento da pesquisa. Ela será também o limite do que pude abordar a partir do esforço para construir um exercício de “descrição densa” (Geertz,1989).

As mulheres que fizeram parte deste trabalho também contam necessariamente com o apoio de outras mulheres, seja na indicação para o novo emprego, seja como apoio com o cuidado dos filhos que ficam no seu lugar de origem.

Este rede formada por elas em sua maior parte residente do distrito de Paraíso do Tobias que algumas vão trabalhar na cidade de Miracema, e algumas outras que são da mesma localidade que foram trabalhar como domésticas em Niterói. É o caso de Angélica e Cláudia. Angélica acabou ficando por lá e só retorna para Miracema e Paraíso do Tobias

para visitar seus pais já bem idosos. Cláudia retorna de vez em quando para visitar sua família: seu marido e sua filha e seu neto.

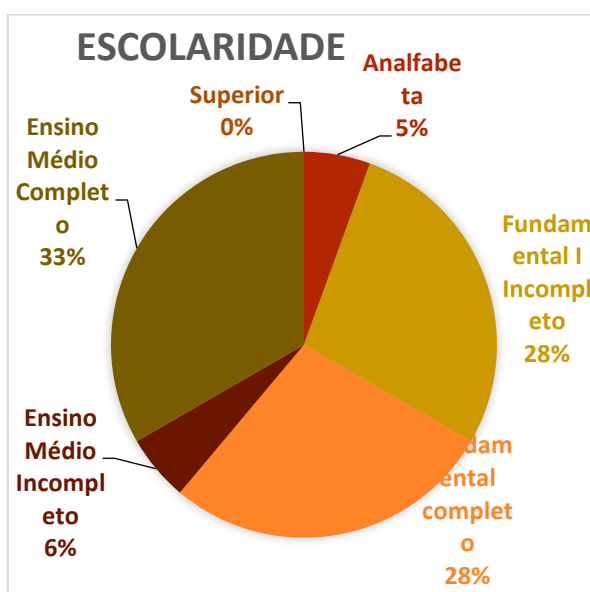
No que diz respeito à profissão de empregada doméstica, devemos levar em consideração alguns caracteres tais como: idade, escolaridade, estado civil, número de filhos, cor/raça e gênero. São variáveis importantes para compreender o universo das empregadas domésticas visto que atravessam sua trajetória e marcam suas possibilidades de escolha.

Meu universo se constituiu totalmente de mulheres, semelhante ao que encontraram outros pesquisadores. Estão em uma faixa etária compreendida entre 30 e 58 anos. A idade é um fator relevante, porque em diversas pesquisas recentes relacionadas às empregadas brasileiras, foi possível encontrar variações geracionais importantes, com maior nível de escolaridade, mudança na configuração atual do trabalho, e nas representações que fazem de si. (Brites 2013, Fraga 2010, Dantas 2013).

Parte delas compartilha uma trajetória familiar de extrema dificuldade, e que encontra no trabalho de doméstica a única oportunidade de contribuir para uma melhor condição social e econômica de si e de seus familiares, vivendo ao menos inicialmente na casa de seus patrões.

Neste contexto estão incluídas as mulheres com quem dialoguei. Apresento a seguir um gráfico com os dados relativos à escolaridade, segundo informações obtidas nas entrevistas:

Gráfico I



Fonte: Própria autora (2018).

Abaixo apresento esta Tabela demonstrando o perfil dessas Colaboradoras:

Tabela 1 – Perfil das Empregadas Domésticas pesquisadas.

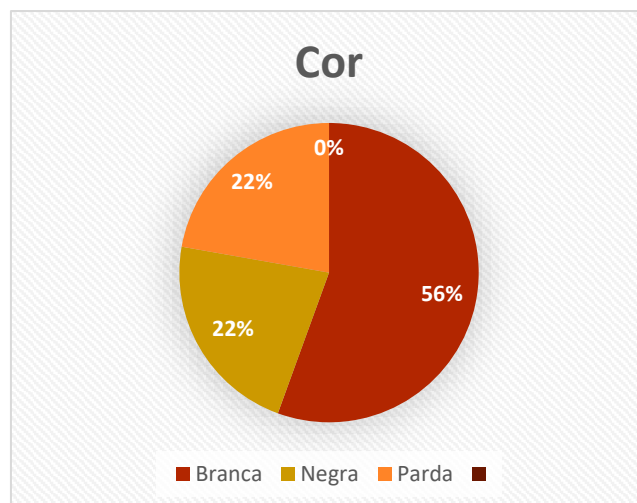
Nome	Idade	Cor	Estado civil	Quantidade de filhos	Escolaridade	Configuração atual de trabalho	Religião
Maria	44	Negra	Casada	7	CA	Trabalha como mensalista acompanhante	Católica
Paula	45	Parda	Solteira	1	2º grau	Trabalha como mensalista acompanhante	Católica
Aparecida	41	Parda	Solteira	2	2º grau	Trabalha como mensalista acompanhante	Católica
Marcia	47	Branca	Casada	2	2ª série	Trabalha diarista e faxineira	Católica
Cláudia	54	Branca	Casada	2	Analfabeta	Trabalha como mensalista	Católica
Angélica	55	Negra	Casada	1	2º grau	Trabalha diarista e faxineira	Católica
Ana	40	Branca	Solteira	7	1º ensino médio incompleto	Trabalha diarista e faxineira	Evangélica
Juliana	40	Branca	Solteira	0	2º grau	Trabalha diarista e faxineira	Católica
Sílvia	54	Branca	Solteira	1	2º grau	Trabalha como mensalista acompanhante	Católica
Carolina	31	Branca	Casada	1	6ª série	Trabalha diarista e faxineira	Católica
Claudiane	37	Branca	Divorciada	2	2ª série	Trabalha diarista e faxineira	Católica
Marina	36	Parda	Divorciada	4	4ª série	Trabalha como mensalista	Católica
Marta	58	Branca	Casada	2	8ª série	Trabalha diarista e faxineira	Evangélica
Carla	51	Branca	Casada	1	2º grau	Trabalha como mensalista	Evangélica
Luzia	54	Negra	Casada	7	1ª série fundamental	Trabalha diarista e faxineira	Católica
Matilde	47	Parda	Solteira	2	2º grau	Trabalha diarista e faxineira	Católica
Andréia	45	Parda	Solteira	0	2º grau	Trabalha diarista e faxineira	Católica
Priscila	38	Branca	Solteira	1	5ª série	Trabalha diarista e faxineira	Evangélica

Fonte: Própria autora (2018)

No que diz respeito a cor/raça, as respostas foram obtidas a partir da auto identificação, sem sugestões de minha parte. Muito embora eu pudesse de fora classificar algumas delas como negras ou pardas, essa classificação não coincidiu com o que me apresentaram.



Gráfico II



Fonte: Própria autora (2018).

Isto é um ponto importante porque o fato de ser branca ou não pode interferir na contratação e avaliação das empregadas pelas patroas, ainda que se apresente de forma nem sempre explícita, como chama atenção Silva (2018). A cor passa a ser um fator relevante quando elas apresentam os requisitos exigidos pelas patroas e a relação que estas últimas estabelecem entre hábitos de higiene e cor: *“A limpeza tão apreciada pelas patroas, soa como surpresa quando identificada e percebida na figura da empregada doméstica negra. A relação entre cor da pele e a higiene, ou, mais precisamente, a falta dela, foi percebida na nossa pesquisa. (p.113)”*. Sobre esta mesma questão observa a autora que ainda que a patroa não queira demonstrar preconceito, ela apresenta em seu discurso um tom de surpresa e espanto quando observa, na empregada negra, o que considera uma boa higiene.

O perfil pode variar quando se trata de contextos não brasileiros, quando o preconceito se dirige não às mulheres negras, mas às indígenas, por exemplo, mas sempre atravessado pela desqualificação do trabalho. (Brites, 2013).

## **Questões relevantes da pesquisa.**

### **1. A questão de gênero, rede de trabalho**

Minha pesquisa confirmou que a profissão das empregadas domésticas é fortemente marcada pela questão do gênero em que esta rede é estabelecida na cidade de Miracema mas que também acontece em outros lugares, como retrata (Dantas 2013) e como

ocorre em outros países da América Latina como sinalizou (Pacecca e Courtis 2010), por exemplo, como outros pesquisadores também afirmaram.

Podemos averiguar que esta é uma profissão quase exclusiva de mulheres, cujo trabalho é feito para outras mulheres, as patroas, e também sustentada por mulheres que são suas parentes e que se responsabilizam por seus filhos.... Há uma naturalização do papel da mulher que deve cuidar da casa, dos filhos... Esta é uma característica importante para as patroas buscarem empregadas no interior, já que pensam que podem "moldar", "domesticar" essas mulheres a seu gosto, principalmente as mais jovens.

A pesquisa sobre o trabalho Doméstico é algo relevante ao passo que através das literatura, podemos analisarmos que ainda existem trabalho escravo, trabalho mau-remunerados, sem direitos previdenciários nos interiores é na minha pesquisa que aparecem alguns dados destes.

## **2. Escolaridade e profissão:**

As poucas oportunidades de trabalho relacionadas à baixa escolaridade que apresentam de maneira geral, mas também no caso da minha pesquisa, não muitas escolhas. O trabalho doméstico pode ser a única opção.

Existem uma certa mudança com relação as mais jovens e que tiveram oportunidade de estudar. Estas preferem muitas vezes trabalhar como diaristas porque além de permitir maior liberdade de horário, não estão do ponto de vista de muitas, associadas ao estigma que sofre a empregada doméstica no Brasil. Mas, a pesquisa também demonstrou que a relação entre patroa e empregada mantém muitos dos conflitos que estão presentes para quem não fez essa opção.

Na medida em que meus contatos e conversas começaram pude notar algumas semelhanças nas suas trajetórias pessoais. São todas na sua maioria mães e casadas, nascidas em cidades pequenas onde a naturalização do papel feminino ainda hoje é marcado por alguns valores que as mulheres devem ter desde *mocinhas*, como por exemplo saber cozinhar, cuidar da casa. É o que se espera delas, para serem reconhecidas como “mulheres de família” em contraste com as demais.

Essas características, consideradas como “competências naturais da mulher” são muitas vezes coincidentes com o desejo das futuras patroas ao buscar nas cidades do interior aquelas que vão cuidar das suas casas e dos seus filhos. Estas patroas dão preferência a mulheres que são do interior porque elas são aparentemente, segundo elas, mulheres “inocentes”, aquela ideia de que estão “cruas” ainda, então é mais fácil de ensiná-las ou

molda-las a partir de sua própria maneira. Silva (2018) relaciona esta ideia de moldar a empregada ao interesse dos patrões de forma a atender todos os seus desejos, chamando a atenção para uma relação de servilismo semelhante ao trabalho escravo. Mas, outro ponto parece importante com relação a este processo de “domesticação”: o fato de que relacionada a este processo está, segundo a autora, uma negação da sua subjetividade, impedida que está de apresentar em públicos seus valores, relacionados aos hábitos de higiene, as escolhas alimentares dentre outros.

É ela que também ressalta a existência das “profissões de mulher”, ou seja, aquelas que são consideradas “boas para uma mulher”. Seguem alguns critérios que também servem para determinar limites. Assim, essas tarefas devem permitir que a mulher desempenhe bem sua tarefa profissional (menor) e a doméstica (primordial). Com isso, percebe-se grande contingente de mulheres inseridas em profissões com “perfil feminino”. Essas ocupações “inscrevem-se no prolongamento das funções naturais e quase biológicas”, como acontece com o trabalho doméstico, que coloca em ação as qualidades “natas”, físicas e morais para sua eficiente realização. As pretensas qualificações para execução de determinadas tarefas. (Silva, 2018, p.77).

Logo o trabalho doméstico por si mesmo é designado às mulheres de classe populares, com escolaridades irrisórias, desprovidas de oportunidade de estudar ter nível escolar satisfatório para trabalharem em outras áreas. O que resta é trabalharem neste ramo por não exigirem determinado grau de instrução, e/ ou quando tem o nível educacional que permite atuarem em outras ocupações, mas ainda assim decidem trabalhar como empregadas domésticas. Exemplo disto pode ser constatado em algumas entrevistas, com alguns casos semelhantes, mas ainda assim era evidente que se mantinha o recorte de gênero e na maior parte das vezes também o de classe.

Isso fica mais caro na fala de algumas delas:

*Marina: “Comecei a trabalhar por volta dos 11 anos na casa de família em Miracema. A mãe arrumou 3 crianças. Não tive escolhas, tive que ajudar em casa, não podia estudar e quando podia tinha que dedicar as tarefas domésticas aos meus filhos. Desisti.*

*Ana :Na verdade assim.... Minha mãe adoeceu ficou só eu e ela, porque eu sou a caçula, então ela não trabalhava né e ela me colocou pra trabalhar. Desde dos 12 anos comecei a trabalha na casa de família. Na verdade eu não sabia nada na casa que eu trabalhava, já troquei de profissão várias vezes sabe, vendia salgados, fazia comida pra fora, trabalhei numa loja.*

As palavras de Marina e de Ana nos chamam a atenção para a idade em que iniciaram o trabalho como domésticas. Eram meninas de 11, 12 anos e que trocaram as brincadeiras possíveis e a escola acessíveis em outros contextos sociais, pelo cuidado das casas, para cozinhar para outros e por uma rotina dura de trabalho em razão de suas histórias e dificuldades familiares. Situação semelhante a muitas outras mulheres descritas em diferentes pesquisas em outros lugares que não Miracema. Dantas (2013) analisa algo semelhante em sua pesquisa realizada com domésticas em Porto Alegre (RS). Referindo-se a uma de suas entrevistas diz: “Aos 14 anos, com o nascimento do irmão mais novo ela precisou interromper os estudos e assumir de doméstico da mãe.” Sua trajetória modificou-se por um tempo quando teve a oportunidade de trabalhar em uma farmácia e retomar os estudos interrompidos, mas logo em seguida volta a trabalhar como doméstica sem conseguir manter seus planos anteriores.

Quanto ao segundo tipo, o de “boca”, o que me chama atenção são os motivos pelos quais ele pode ser rompido, já que não há regra legal estipulada para seu cumprimento. Isso pode acontecer, por exemplo, quando a empregada decide sair do serviço porque no ato de sua contratação ficou estabelecido que ela trabalharia de tal a tal hora, faria determinados tipos de tarefas do jeito que a patroa gosta. Mas, quando começa a trabalhar e passa a agregar mais tarefas ou a patroa exige que ela fique num horário estendido, começa o rompimento do conforme o combinado e os conflitos que começam a se fazer presentes pode levar ao rompimento definitivo.

O “conforme o combinado” tem também um sentido mais pessoal e informal pois a patroa se aproxima de sua empregada a partir de uma conversa, naturalizando a execução das novas tarefas, levando em conta a relação de convívio no espaço da casa.

Para (Fraga 2010) os brasileiros, em geral, não gostam de situações em que os desiguais façam parte do mesmo espaço, e as diferenças entre eles acabam sendo tomadas como naturais. Podemos perceber isso, por exemplo, na permanência de portas e elevadores diferenciados para os moradores e os empregados nos edifícios das grandes cidades do país. Também isso aparece quando ouvimos alguém que se sentindo ofendido diz: “Você acha que eu sou sua empregada”. O trabalho doméstico feito por alguém que não seja da família é uma ocupação naturalizada pela população como própria da divisão social (de classe, gênero e cor) do trabalho. A importância desse tipo de tarefa permanece invisível”.

As patroas pouco param para pensar que essas tarefas – pagas muitas vezes com pouco – valem mais, uma vez que envolvem uma condição subalterna que as trabalhadoras domésticas têm de tolerar, diz o mesmo autor. Raramente se questionam que limpar uma casa com dois cômodos é diferente de limpar uma com cinco cômodos, por exemplo.

### **Honestidade, Confiança e Respeito**

Mas se assinar a carteira e/ou cumprir o contrato “conforme o combinado” é o que pode em parte determinar uma boa patroa, o que é, para minhas interlocutoras, uma boa empregada afinal? É preciso que a patroa elogie o trabalho, dizem. Mas, uma boa trabalhadora é algo referido a alguns valores morais e sociais compartilhados por elas. É preciso dominar determinados códigos, tais como o significado do valor da honestidade, “não mexer nas coisas do patrão” como uma me explicou. A honestidade diz respeito a uma característica que tais domésticas precisam possuir para serem consideradas adequadas para tal função e indicadas por suas colegas que formam a rede. Porque como empregadas domésticas atuam no seio da família que a emprega, cuidam das casas dos outros, dos filhos dos outros e precisam assim ser responsáveis e confiáveis.

Mas o sentido da honestidade se junta com o da confiança de que a colega vai, nas palavras delas, “saber entrar e saber sair”, ou seja, você tem que ser considerado uma pessoa apta a ter essas “competências”, afinal você precisa, por exemplo, fazer todo o trabalho de acordo com o gosto da patroa. Se ela exige que seja feito de tal modo, é assim que deve ser feito. Esse é um valor reconhecido entre elas, e fundamental para indicarem umas as outras para as possíveis vagas de emprego.

Nota-se que ser uma boa doméstica não resulta apenas em fazer suas tarefas estabelecidas conforme o contrato, mas em si em cumprir fielmente seu papel social dentro das famílias burguesas onde ela tem a função de operadora de manutenção do lar, garantir que tudo esteja devidamente organizado, limpo. Ou seja, para tornar-se uma boa empregada esta tem que além da honestidade ser capaz de adquirir alguns “talentos”, incorporação de valores que sustentam a estrutura do ser doméstica. “Saber ouvir”, ter “ética profissional” no que diz respeito a “postura” mesmo de seu “papel social”. O aprendizado que produz melhor desempenho e resulta nas qualidades reconhecidas para a indicação, não escapa da relação entre o trabalho exercido por elas e o sentido de servidão relacionado ao que fazem:

“O sentido de servidão no trabalho doméstico, ligado a uma concepção sobre as mulheres como sujeitos predispostos a uma disponibilidade permanente para

servir aos outros, é informado ainda por um outro sentido de servidão, que diz respeito à sua associação com a escravidão da população negra. A análise crítica dessas heranças contribui para a desnaturalização das relações de servidão no emprego doméstico”. (Ávila 2016 p.139).

Relacionando a temática com o postulado de Goffman pode-se denominar Fachada a ação profissional das empregadas domésticas enquanto o autor chama de cenário o contexto material em que os atores sociais desempenham seus papéis.

“O autor chama as ações e expressões adotadas pelas pessoas de “fachada”, o local onde a interação social ocorre de “cenário” e a preparação para desempenhar um “papel social” diferente – como o maquiar-se e o vestir-se antes de uma festa - de “bastidores”. Tais conceitos e ideias são próximas ao círculo mágico na medida que ele vê cada interação social como um mundo à parte, com suas próprias regras. Isso é verificado na frase: “Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para o papel” (GOFFMAN, 1985, p.34).

A fachada, que pode ser compreendida como a internalização de códigos, reflete uma ética profissional, é a conduta da trabalhadora dentro de seu trabalho que precisa ser discreta de antemão, não sair falando da vida íntima dos teus patrões fora do contexto da casa onde trabalham.

“Saber ouvir” de acordo com as minhas colaboradas significa que você tem que respeitar a patroa, quando por exemplo na fala de Maria: “*Saber respeitar os patrões, ser você mesmo e nunca mentir para eles. Ser honesto obedecê-los, se colocar no seu lugar...* (Maria 1/03/2018):

Para Carla significa “*Se colocar no lugar do patrão, você tem que respeita a autoridade deles, porque você tá sendo paga para fazer o serviço tem que saber seu lugar*”. Carla 4/03/2018:

Respeitar e saber seu lugar também aparece na fala da Priscila: “*Ah você não pode ir com qualquer roupa né, você tem que respeita a casa do outro no caso seus patrões tem que se dar o respeito, saber teu lugar*”. Priscila 1/03/2018

Se a honestidade e saber o “seu lugar” são pontos importantes na relação entre elas e as patroas e sinal de reconhecimento na relação de confiança que estabelecem entre elas para as indicações ao emprego, por outro lado o “reconhecimento” destas qualidades poderiam ser de parte das patroas a lembrança de datas importantes, como aniversário, natal. O presente, entretanto, pode ser motivo de conflitos, velados ou não. Elas sempre presenteiam suas empregadas mesmo que seja “lembrancinha”, “só pra dizer que lembrou sabe? Expressão que resume o que todas disseram.

Isto é uma forma de deixar a relação mais próxima afetivamente pois as empregadas se sentem reconhecidas por partes de suas patroas, embora nem todas as empregadas

gostam do que ganham nessas ocasiões. Abaixo demonstro isto mais claramente na fala de algumas dessas minhas interlocutoras.

*Marina 1/03/2018: Ah eu ganhei de aniversário este ano 50 reais, e mais uma bermuda sabe... eu fiquei feliz porque mostra que sou reconhecida. Minha patroa paga direitinho, não tenho carteira assinada não, mas recebo 880 reais e faço tudo lá, lavo, passo e cozinho e ainda cuido da menina da filha da minha patroa tem 4 anos sabe. Ela me paga metade do 13º e posso tirar 30 dias de férias.*

*Silvia 1/03/2018: Então Janilce, de presente de aniversário eles sempre dão roupas, eu ganhei a última vez um pijama sabe. Mas o importante é lembra de você né... já é alguma coisa.*

A fala de Claudiane se refere à “bondade” dos patrões, mesmo que seja extremamente explorada.

*Claudiane 2/03/2018: Trabalho lá tem 10 anos, recebo 300,00 por mês. Lá faço tudo sabe... lavo, passo e cozinho e ainda cuida da Dona Cacheada, muita coisa... mas lá eles me dão muita coisa. Já ganhei jogo de cozinha, televisão, botijão de gás, e quando é meu aniversário eles fazem bolo para mim e me dão nem que seja uma lembrancinha sabe... tá ótimo sabe, eles são tão bons... As minhas crianças quando chegam da escola almoçam lá comigo no trabalho sabe... de segunda a sexta, porque eu fico o dia inteiro fora tô no serviço né.*

O mesmo pode ser observado nas palavras de Matilde. Trabalhando em vários lugares sem reconhecimento de direitos mínimos, fala do que recebe sem nada pedir:

*Matilde 2/03/2018: Lá eu trabalho 3 x na semana; segunda, quarta e sexta trabalho numa casa só. Não tenho carteira assinada não mas eles me pagam o 13º, pago por fora o INSS, eu recebo por mês 500,00, eu gosto de trabalhar lá porque me tratam bem, gostam do meu serviço, me dão 10 dias de folga sabe. Olha eu sempre ganho alguma coisa da minha patroa sabe, já ganhei baby-doll l, sandália, roupas, sabe blusa, bermuda... Eu não peço não... mas vire e meche ela sempre me dá algo.*

Carolina, assim como Claudine, chama atenção do bolo de aniversário que dão a elas como forma de reconhece-las.:

*Carolina 01/03/2018: Olha lá na casa deles né eu só trabalho sabe tá bastante puxado menina, não tenho carteira assinada não, lá eu pego no serviço de 7 horas até as 16 horas, eles me pagam 400,00 por mês, pagam o 13º, e estamos na conversa sobre férias, tô lá tem 1 ano mas assim pelo menos eles lembram do meu aniversário por exemplo ano passado eles me deram 50 reais de presente e me deram um bolo.*

O sentido da exploração mesmo no momento do recebimento de presentes só se explicita nas duas últimas falas: Priscila e Angélica

*Priscila 1/03/2018: Eu sou diarista, faxineira sabe... trabalho de segunda a sexta e recebo 400,00 e lavo roupa por fora e cobro 200,00 por trouxa de roupa ...mas eu lavo, por exemplo, roupa de uma casa, de uma família cobro esse valor por mês, lavo 1 vez na semana sabe. Pego as 6:30 e paro às 16 horas, Na quarta feira trabalho em 15 em 15 dias eu faço faxina cobro 50 reais cada sabe... já ai 100,00 nesta casa. Na casa que trabalho 3 vezes na semana casa da Diretora da escola lá de Miracema eu almoço lá, mas nem gosto muito porque sou agitada, gosto de pega o trabalho e fazer logo não gosto de ficar parando, não faço hora de almoço não. Eu não tenho a carteira assinada não... só recebo se eu for trabalhar e pago por fora o INSS. De presente nunca deu não... o máximo que ela me dá é uma lembrancinha sabe uma blusa daquela da baratinha ou uma sandália, não sou ingrata não mais poderia dar uma coisinha melhor?*

*Angélica 08/09/2017: Em datas importantes natal, aniversário, sim lembrancinhas porque não considero presente não, vê se pode.... A minha patroa me deu uma blusa de ate no máximo 19,90 da Leader aquele material ruim que uma lavagem já tá ruim já não presta, eu tenho até hoje guardado a blusa esta que tô falando só de raiva. Eu nunca usei eu não vou usar essa blusa não... ela tá aqui no guarda roupa na embalagem ainda que me deram, poxa sacanagem eu fico revoltada, muito sem noção... ela dona de cartório poderia me dar algo melhor aquela vaca hahaha.... Isso quando não ganho coisas de casa né, jogo de copo, prato essas coisas.*

Todas esta que mencionei acima especialmente estas como a Matilde, Priscila, Carolina, Marina, são mulheres que recebem muito abaixo do que se espera receber exercendo essa profissão. O que chama atenção é a forma de retribuição do presente, porque como nos lembra Mauss (1974), a dádiva também supõe retribuição. O que se oferta e o que se recebe?

Por um lado, os patrões se aproveitam das dificuldades econômicas, da baixa escolaridade para estabelecer uma relação de completa exploração. As empregadas são exploradas e os “presentinhos” também são uma forma de dizer qual é o lugar delas na sociedade. Os presentes são baratinhos, dizem elas, algumas reclamando que as patroas poderiam “dar algo melhor”. Entretanto, somente duas delas se referem à exploração, expressa pela revolta de uma delas que afirma que não vai usar aquilo, uma blusa de malha vagabunda e que guarda com raiva o presente para se lembrar.... O discurso que



apresentam fala mais dos presentes como “lembrancinhas”, uma forma das patroas demonstrarem que se lembram dela, que se importam com elas .... A lembrança, já é alguma coisa, conformada pelo valor que recebe para ser doméstica. Assim, ganhando uma sandália ou uma bermuda já é considerado alguma coisa, vantagem por cima da patroa.

Nas duas situações existem uma ligação mútua, e o que faz desse vínculo muito mais do que empregatício, mas afetivo, uma construção pessoal neste tipo de relação. Porque para estas domésticas ganhar um presente, por mais que se caracterize por uma “lembrancinha” significa ora algo positivo, um reconhecimento pelo seu trabalho. Mas, é fácil também notar que o presente também explicita a esperteza destas patroas ao tentar reduzir o peso do conflito na relação contornando o cotidiano de exploração, “adoçando” a relação pela lembrança do presente ofertado.

Fraga, retoma outros autores para analisar esta relação que aqui exemplifico com a oferta de presentes pelas patroas. Segundo o autor, Barbosa (2000) compreende essa troca de presentes mediante algumas chaves explicativas: explicitação de consideração e apreço; construção de uma imagem caridosa; ação compensatória, por conta dos baixos salários pagos e da omissão de benefícios empregatícios; e reconhecimento pela dedicação e eficiência na execução dos afazeres domésticos. É a estes dois aspectos, o da “consideração e apreço” e o da “ação compensatória” que me referi.

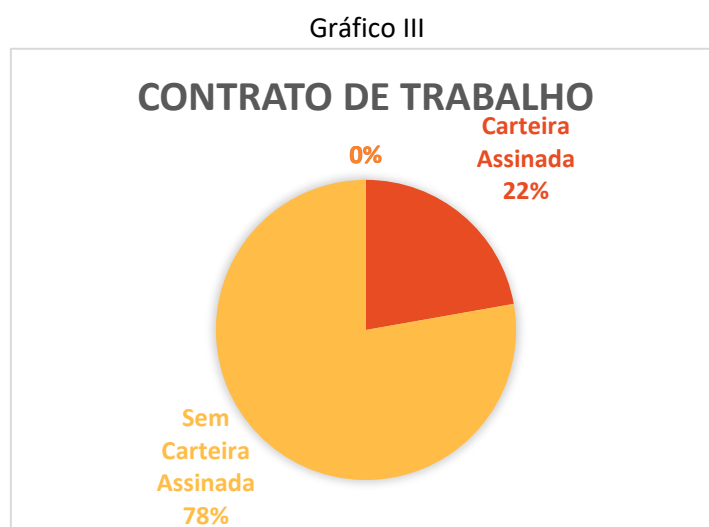
Esta “autonomia emocional” das empregadas diante dessas dádivas vem ainda ilustrar a fecundidade de uma perspectiva de análise dos fenômenos sociais atenta para a dimensão subjetivada experiência individual. As trocas de presentes- “fatos sociais totais” que constituem tradicional via de acesso para análise culturais-, ainda que governadas por conjuntos de regras compartilhadas pelos indivíduos membros de um mesmo grupo, são acima de tudo, uma linguagem (Coelho 2006, p.79).

“Saffioti (1978), continua Fraga, a compreende como uma tentativa de agradar a empregada e de criar um clima afetivo no local de trabalho, permitindo a solicitação de favores fora das atividades que foram acordadas e do horário de trabalho estabelecido. (Fraga, 2010, p.235)”.

Neste sentido, a oferta de presentes atravessa o pacto estabelecido entre patroas e empregadas onde demarcam suas relações pelo contrato não legal e não escrito do “conforme o combinado”. O presente se apresenta com a expectativa de que seja retribuído com “algo a mais” na forma de horas extras ou atividades não combinadas. É também Fraga que vai nos chamar a atenção para a possibilidade de mudança no momento em que se modificam os vínculos empregatícios formais, com a opção de muitas delas, em especial uma geração mais nova, por trabalharem como diaristas.

*“Mas a questão é pensar se essa relação ambígua, familiar e trabalhista, permeada por personalidade e afetividade, associada ao trabalho da empregada doméstica, representa também o trabalho da diarista. As relações de trabalho desta são mais racionais, impessoais e menos afetivas? É isso que precisamos analisar mais detidamente antes de apontá-la como um tipo diferente de relação no que tange a essas características”.*

Levando em conta as mudanças no perfil das domésticas e na opção para novas formas de vínculo e o que isso pode ter de peso em relação aos aspectos negativos do trabalho que fiz as perguntas que resultaram no quadro a seguir:



Fonte: a própria autora (2018).

Quanto ao segundo tipo, o de “boca”, o que me chama atenção são os motivos pelos quais ele pode ser rompido, já que não há regra legal estipulada para seu cumprimento. Isso pode acontecer, por exemplo, quando a empregada decide sair do serviço porque no ato de sua contratação ficou estabelecido que ela trabalharia de tal a tal hora, faria determinados tipos de tarefas do jeito que a patroa gosta. Mas, quando começa a trabalhar e passa a agregar mais tarefas ou a patroa exige que ela fique num horário estendido, começa o rompimento do conforme o combinado e os conflitos que começam a se fazer presentes pode levar ao rompimento definitivo.

O “conforme o combinado” tem também um sentido mais pessoal e informal pois a patroa se aproxima de sua empregada a partir de uma conversa, naturalizando a execução das novas tarefas, levando em conta a relação de convívio no espaço da casa.

Para (Fraga 2010) os brasileiros, em geral, não gostam de situações em que os desiguais façam parte do mesmo espaço, e as diferenças entre eles acabam sendo tomadas

como naturais. Podemos perceber isso, por exemplo, na permanência de portas e elevadores diferenciados para os moradores e os empregados nos edifícios das grandes cidades do país. Também isso aparece quando ouvimos alguém que se sentindo ofendido diz: “Você acha que eu sou sua empregada”. O trabalho doméstico feito por alguém que não seja da família é uma ocupação naturalizada pela população como própria da divisão social (de classe, gênero e cor) do trabalho. A importância desse tipo de tarefa permanece invisível”. As patroas pouco param para pensar que essas tarefas – pagas muitas vezes com pouco – valem mais, uma vez que envolvem uma condição subalterna que as trabalhadoras domésticas têm de tolerar, diz o mesmo autor. Raramente se questionam que limpar uma casa com dois cômodos é diferente de limpar uma com cinco cômodos, por exemplo.

### **Conclusões**

Sobre a questão de Gênero algo relevante que pude constatar foi o apoio de outras mulheres é fundamental para o exercício da profissão e a relação de gênero também aparece, como em outras pesquisas, marcando as relações entre patroas e empregadas e nas qualidades reconhecidas por ambas.

O que pude observar e analisar foi o fato de que as minhas colaboradoras sempre se queixam de não terem a sua carteira de trabalho assinada, que elas não estariam sendo pagas de acordo com sua função e que seu trabalho não era reconhecido e valorizado pelos patrões. Os conflitos decorrentes desta exploração podem ser administrados até que se rompa o “conforme o combinado”, quando elas parecem se dar conta do rompimento de laços afetivos e não se sujeitam, a não ser em contextos extremos, a continuar no trabalho.

Portanto esta realidade das mulheres do interior ainda tem resquícios do conservadorismo, da escravidão, e das demarcações de classe onde esta pequena burguesia ainda reproduz os valores de seus ancestrais. Mas não se limita ao interior do Brasil, como a revisão bibliográfica me permitiu conhecer, mas se estende para outros espaços, permanecendo neste país uma herança escravocrata forte na sociedade.

## Referências Bibliográficas

ÁVILA, M. B. **O tempo do trabalho doméstico remunerado: entre cidadania e servidão**. In: ABREU, A. R. P., LOMBARDI, M. R., HIRATA, H. (Org.) *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 137-146.

AZERÊDO, Sandra M. M. **Relações entre empregadas e patroas: reflexões Sobre o feminismo em países multirraciais**. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C (Org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina*, p. 195-220. São Paulo: Vértice, 1989.

BARBOSA, Fernando Cordeiro. **Trabalho e residência: estudo das ocupações de Empregada doméstica e empregado de edifício a partir de migrantes "nordestinos"**. Niterói: EdUFF, 2000.

BRITES, Jurema G. **Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas**. *Cad. Pesquisa*. v. 43, n. 149, p. 422-451. 2013.

\_\_\_\_\_. **Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas Domésticas e seus empregadores**. *Cadernos Pagu*, n. 29, p. 91-109, 2007.

\_\_\_\_\_. **Afeto, Desigualdade e Rebeldia: bastidores do serviço doméstico**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

\_\_\_\_\_. **Políticas Para Família, Gênero e Geração**. UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul/CEGOV-Centro de Estudos Internacionais sobre Governo, 2014.

COURTIS, C. y PACECCA, M. I. **Género y trayectoria migratoria: mujeres migrantes y trabajo doméstico en el Área Metropolitana de Buenos Aires**, 2006.

COELHO, Maria Claudia. **O valor das intenções: Dádiva, emoção e identidade**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

DA MATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991

DANTAS, Luísa M. S. **As domésticas vão acabar? Narrativas biográficas e o trabalho como duração e intersecção por meio de uma etnografia multi-situada: Belém/PA, Porto Alegre/RS e Salvador/BA**. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. **Destino ou escolha? Narrativas e memórias acerca do trabalho a partir das experiências Inter geracionais de domésticas em Porto Alegre/RS**. *Iluminuras*, v. 14, n. 33, p. 306-326, 2013.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. Unesp, 1998.

FRAGA, A. B. **De empregada a diarista: as novas configurações do trábalo doméstico remunerado**. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREYRE, G. **Casa Grande e senzala**. Lisboa: Livros do Brasil, 1957.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, v. 2, 1978.

SILVA, Marusa, **A relação (in)tensa entre patroas e empregadas**. Curitiba: Appris, 2018.